

Ano 3, Vol IV, Número1, pág.88-100, Humaitá, AM, jan-jun, 2010.

A AVALIAÇÃO E SUA PRÁTICA A PARTIR DE UM CONTEXTO ESCOLAR: um olhar sobre a avaliação da aprendizagem em uma escola municipal de Humaitá-AM

Odecy Marques Ferraz*
Zilmar da Cunha Galdino*

RESUMO: Este trabalho foi realizado em uma escola pública municipal de Humaitá onde se realizou a observação sobre a avaliação da aprendizagem, seus instrumentos e práticas. A avaliação é um assunto complexo, porém de grande importância para a prática pedagógica. Peça importante dos processos de ensino e de aprendizagem na prática dos professores e aprendizagem dos alunos. Como mediador desses conhecimentos, o professor precisa ser compreensivo e reflexivo para mudar seus métodos, se necessário, e não utilizar a avaliação de forma errada. Ele precisa entender que avaliação não deve ser apenas para classificar ou atribuir notas, mas deve ser empregada para verificar os resultados alcançados e dá possibilidade de fazer diagnóstico das dificuldades que o aluno apresentar. A metodologia utilizada foi a pesquisa de campo com enfoque qualitativo. As ferramentas metodológicas foram questionários, entrevistas e observação, consistindo, esta última, na observação e descrição do cotidiano da escola pesquisada. Antes de avaliar, é preciso que se tenha conhecimento da realidade do aluno. É importante que todos os envolvidos no processo de avaliação reflitam sobre a mesma, para que juntos, e por meio de métodos adequados, determine-se o sucesso ou o progresso do ensino e da aprendizagem.

Palavras-chave: Avaliação. Processos de ensino e de aprendizagem. Ensino Fundamental.

EVALUACIÓN Y SU PRÁCTICA A PARTIR DE UN CONTEXTO ESCOLAR: UNA MIRADA SOBRE LA EVALUACIÓN DEL APRENDIZAJE EM UNA ESCUELA MUNICIPAL DE HUMAITÁ-AM

RESUMO: Este trabajo fue realizado en una escuela pública municipal de Humaitá en donde se realizo la observación sobre la evaluación del aprendizaje, sus instrumentos y prácticas. La evaluación es un asunto complejo, pero de grande importancia para la práctica pedagógica. Es una pieza importante de los procesos de enseñanza y de aprendizaje en la práctica de los profesores y aprendizaje de los alumnos. Como mediador de esos conocimientos, el profesor necesita ser comprensible y reflexivo para cambiar sus métodos, si necesario, y no utilizar la evaluación de forma errada. Él necesita comprender que la evaluación no debe ser sólo para clasificar o atribuir marcas, pero debe ser empleada para verificar los resultados alcanzados y dar posibilidad de hacer un diagnóstico de las dificultades que el alumno pueda presentar. La metodología utilizada fue la investigación de campo con enfoque cualitativo. Las herramientas metodológicas fueron cuestionarios, entrevistas y observación, consistiendo, esta última, en la observación y descripción del cotidiano de la escuela investigada. Antes de evaluar, es necesario que se tenga conocimiento de la realidad del alumno. Es importante que todos los involucrados en el proceso de evaluación reflitan sobre la misma, para que juntos, y por medio de métodos adecuados, se determine el suceso o el progreso de la enseñanza y del aprendizaje.

Palabras-clave: Evaluación. Procesos de enseñanza y de aprendizaje. Enseñanza primaria.

Introdução

A Avaliação da aprendizagem sempre foi e, continua sendo um assunto muito complexo. No passado, os processos avaliativos eram ainda bem mais complicados. Para muitos educadores, era motivo de preocupação, pois, segundo eles, a avaliação era feita de forma inadequada, dando pleno poder ao professor, o qual se prostrava para o educando como uma autoridade. Os instrumentos mais usados eram as provas, testes e exames com função apenas de controlar, certificar e promover.

De acordo com Depresbiteris (2009), “a prova surgiu em 2.205 a.C., com Shun, um imperador chinês, que examinava seus oficiais com o fim de promovê-los ou demiti-los. Desta forma, a prova era para elevar alguém a um cargo superior ao que trabalhava ou para demiti-los, dependendo de seu desempenho. Barriga (apud DEPRESBITERIS, 2009), fala que

Os testes nasceram para evitar a constante ameaça de apropriação de cargos, e impedirem o clientelismo e a formação de monopólios denotáveis da China Imperial. Algumas medidas foram tomadas: nomeações em curto prazo, exclusão do cargo no qual o funcionário tivesse parentes, vigilância mediante espíões etc. A essas medidas, agregou-se a experiência de exames, pois o mesmo nasceu como instrumento de controle social que perdurou durante muito tempo. (p. 28)

No Brasil, a avaliação surgiu a partir dos séculos XVI e XVII com a organização social dos exames escolares feitos pelos Jesuítas através de um documento que ficou conhecido como *Ratio Studiorum* (sendo que *Ratio* significava “o que foi prometido” e *Studiorum* “aquilo que implica determinados direitos e obrigações”). Segundo Luckese (apud DEPRESBITERIS, 2009), “nossa prática educativa atual ainda está permeada de alguns procedimentos propostos no *Ratio Studiorum*: no momento da prova,

os alunos não podem perguntar nada e o tempo para realizá-la deve ser rigorosamente mantido”. (p.29).

Mais adiante, constatou-se um avanço na avaliação que antes era vista como simples aplicação de teste. Por conta dos estudos de Tyler, esta ganhou extensão e provocou enorme impacto nos trabalhos literários da época, sugerindo atividades avaliativas tipo: escala de atitude e inventários (uma linha de postura em relação a bens deixados por alguém) e questionários, fichas de registro de observação e outras maneiras de evidenciar o comportamento, para determinar as propriedades das matérias constantes de um curso.

A partir dos anos 60, a avaliação trouxe ideias de mérito e valor, para as quais “seriam objetos de avaliação: programas, currículos, matérias, desempenho dos alunos, entre outros”, segundo Scriven (apud DEPRESBITERIS, 2009). Daí, ele criou a ideia de “avaliação formativa e avaliação somativa”. Para Scriven, “a avaliação formativa deveria ser feita no decorrer do desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem, e a somativa determinaria o mérito ou valor final de um programa, propiciando sua continuidade ou não” (p. 32).

Atualmente, a avaliação ampliou-se muito, aumentando o interesse por diferentes indivíduos como, por exemplo: aluno, professor, pais, administradores e diversos projetos, produtos e matéria. Enfim, a avaliação passaria a envolver todo o contexto escolar.

Numa concepção atual de avaliação, esta pode cumprir três funções básicas: diagnosticar, transformar e favorecer o desempenho individual. A função de diagnosticar visa à caracterização do aluno no que diz respeito a interesses, necessidades, conhecimentos, habilidades e dificuldades de aprendizagem. A função de transformar, busca a verificação dos resultados alcançados durante e no final da realização de uma etapa do processo ensino-aprendizagem, para replanejar o trabalho com base nas informações obtidas. Já a função de favorecer o desenvolvimento individual visa atribuir à avaliação a possibilidade de atuar como fator que estimule o crescimento do aluno, para que se conheça melhor e se desenvolva a capacidade de saber avaliar.

Um olhar sobre a avaliação da aprendizagem em uma escola municipal de Humaitá-AM

É importante lembrar que o professor é um mediador do processo ensino-aprendizagem e, por este motivo, acredita-se que ele deva ter a humildade e o compromisso em saber mais sobre os instrumentos avaliativos, porque, se é certo que o aluno precisa ser avaliado, então, que seja de uma maneira coerente, com produtividade, sem intimidá-lo a ponto de não poder se concentrar na hora de fazer uma prova, pois só a palavra “prova” já o assusta

Neste sentido, destacamos que a avaliação da aprendizagem continua sendo um assunto polêmico nas escolas e em outras instituições educacionais. Alguns motivos desta polêmica é a persistência histórica das formas de avaliação que, com raras exceções, permanecem muito semelhantes às praticadas nos séculos passados.

Dentro desta perspectiva, a efetivação da pesquisa no contexto escolar torna-se algo relevante no momento em que nos levou a conhecer e a compreender o desenvolvimento da avaliação. Além disso, conduziu-nos na tentativa de compreender suas implicações pedagógicas com possibilidades para ações didáticas concretas, visando superar a rotineira prática de avaliar e, desta forma, contribuir para a melhoria do processo ensino-aprendizagem, tornando-a assim, um instrumento de grande importância, já que ela está presente em todos os contextos da vida humana.

Hoffman (2005, p.15) afirma que, “os educadores percebem a ação de educar e a ação de avaliar como dois momentos distintos e não relacionados. E exercem essas ações, de forma diferenciada”. É importante que o professor entenda que educar está relacionado com o processo de avaliar, por isso, não pode separar as duas ações, visto que estas fazem parte do processo ensino-aprendizagem.

Depois de feitas as observações sobre avaliação da aprendizagem no 3º ano do Ensino Fundamental, percebeu-se que era preciso levar em conta a situação real da sala de aula e das crianças. Vimos que a sala era muito

pequena e superlotada. Isto, de certa forma, já altera o comportamento da turma, dificultando os processos de ensino e de aprendizagem, Havia diferenças de cunho econômico-social, além das diversidades cultural e religiosa.

No desenvolver dessa pesquisa, foram consultadas várias fontes em diferentes momentos, com vários informantes, além dos alunos e professores.

Recorreu-se ao Projeto Político Pedagógico, ao Regimento Interno da Escola, e vimos o modelo de avaliação adotada pela escola. Mesmo que nestes se tente implantar uma avaliação diagnostica e informativa, a maioria dos professores continua classificando seus alunos.

Sistema de avaliação e instrumentos utilizados na escola

O sistema de avaliação adotado pela escola está descrito de forma contínua, acumulativa e processual, tendo como objetivo diagnosticar, considerando sempre os aspectos qualitativos que devem prevalecer sobre os aspectos quantitativos, segundo a Lei n° 9.394/96 - a LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional).

Quanto aos procedimentos de avaliação, estes são registradas através de provas orais e escritas, trabalhos individuais e em grupos, e também através da participação, interesse, integração e correção dos cadernos.

Quanto às notas, embora varie de zero a dez pontos, será considerado aprovado o aluno que obtiver média anual igual ou superior a seis. Caso o aluno não alcance esta média, será submetido ao exame final. No exame final, o aluno terá que obter a média igual ou superior a cinco. A recuperação, no entanto, se dá de forma paralela, cuja média mínima é seis.

Sabe-se das dificuldades dos nossos governantes em várias áreas do setor público e principalmente na educação. No município de Humaitá, não é diferente, principalmente em se tratando das escolas municipais.

Em relação à escola em que atuamos durante a pesquisa, viu-se que a mesma trabalha com alguns projetos no intuito de ajudar na melhoria da aprendizagem. Há um Conselho Escolar em que todos participam trabalhando pelo mesmo objetivo: formar cidadãos críticos, participativos e capacitados intelectualmente. Com isto, a escola tem evoluído, mas poderia ser mais bem sucedida se os representantes do povo levassem mais em conta as políticas públicas voltadas para a Educação, juntamente com a comunidade.

Observamos frequentemente alguns professores perderem o controle da turma e procurar a direção da escola pedindo ajuda. Não se pode atribuir aos professores uma culpa que parece se dar mais por conta da superlotação das salas. De fato, a maioria das escolas públicas está sempre muito cheia.

O Governo tem investido muito em propagandas, como no Programa “Toda Criança na Escola”, sem, ao menos, investir numa estrutura adequada e qualificada para receber essas crianças. A Lei nº 9.394/96 ressalta, no Art. 11, que é função do Governo “[...] organizar, manter e desenvolver os órgãos e instituições oficiais dos seus sistemas de ensino...”. Portanto, cabe ao Poder Público cuidar da estrutura da escola, criar salas amplas onde as crianças possam desenvolver um estudo de qualidade, dentre outros.

Na pesquisa, analisamos e observamos uma turma do 3º ano com 27 alunos. A professora não tinha espaço suficiente e adequado para formar grupos para poder desenvolver atividades dinâmicas e recreativas com esses alunos, para que eles pudessem ter um aprendizado qualificado e diversificado, diferenciando-a do modelo tradicionalista, onde se envolve apenas o aluno, o quadro branco e os livros didáticos. Neste modelo, o professor mais parece um ditador durante todo o ano letivo, onde ele age como bem desejar.

Observamos que, entre um ou dois alunos, não havia tanta preocupação em aprender. Para muitos, basta conseguirem a média, deixando a construção

do conhecimento desconectada dos demais processos envolvidos em seus estudos. Isto é o resultado da cobrança de notas e não do conhecimento adquirido durante o bimestre trabalhado em sala de aula. Daí, a necessidade da luta para ultrapassar esta postura tradicional e ir à busca da transformação para o sucesso do ensino-aprendizagem, qualificando e valorizando o próprio trabalho dos professores.

Dentre os tantos problemas para resolver, a escola poderia amenizar alguns deles procurando aproximar os pais para que eles entendessem e fossem conhecedores do processo educacional. Entretanto, pela observação feita, isto parece difícil de alcançar. Há certa resistência de alguns pais, pois eles parecem mais acreditar na pedagogia conservadora, o que, segundo acreditam, daria mais segurança ao trabalho a ser desenvolvido pelo professor.

Tanto os pais quanto os professores parecem estar mais atentos aos aspectos quantitativos do que nos qualitativos, isto é, estão mais preocupados com as médias dos seus filhos e alunos do que na qualidade de ensino que recebem no decorrer do ano letivo.

Verificou-se, também, em vários trabalhos e avaliações, que os erros eram sempre revistos. Somavam-se somente os acertos. Seria bom que todo professor levasse em conta o que os pequenos erros possam transmitir.

Na pesquisa, foi constatado que o professor não é obrigado a seguir o que determina o Regimento Interno da escola com relação à avaliação. Isto quer dizer, na prática, que o tipo de avaliação fica a critério do professor, que poderá se apropriar de várias alternativas para descobrir a altura do conhecimento de seus alunos. Constatou-se, ainda, que apesar de tantas dificuldades, os professores procuram realizar os seus trabalhos levando em conta a realidade dos alunos. Observou-se, também, que aquela escola tem muita procura por vagas, apesar de ser uma escola que mal comporta os alunos que já tem matrícula. Entendemos que isto pode representar o que significa aquela escola para a comunidade: uma escola de boa reputação.

Desafios e perspectivas

O fracasso tanto no ensino quanto na aprendizagem é um dos problemas enfrentados em nossas escolas, tanto pelos professores como pelos alunos. A solução para este problema, até o presente momento, não tem sido encontrada pelas escolas. Enquanto isso, os professores ficam tentando de uma forma ou de outra amenizar o problema, pois tais problemas não aparecem só de um lado, eles vêm de diferentes causas, tais como: pais analfabetos, alimentação inadequada, superlotação nas escolas, falta de apoio dos nossos representantes e do Poder Público. Para superar estas dificuldades, o professor se apropria de livros didáticos para buscar informações para mudar suas práticas de ensino. Muitas vezes, os professores tiram dinheiro do próprio bolso para poder fazer um trabalho diferenciado ou outra atividade mais satisfatória. Quando conseguem, sentem-se vitoriosos e comentam.

Quando se tem problema com aluno na aprendizagem, a Escola dispõe de professor de apoio para dar aula de reforço. Assim, o professor não precisa deixar os outros alunos esperando aquele determinado aluno acelerar e alcançar, por que em muitos casos, quando há o fracasso, a Escola tem a sua parcela de culpa, tanto quanto a família do aluno.

O certo é que a Escola busque caminhos em que todos possam caminhar juntos para combater o fracasso na aprendizagem de seus alunos, pois os erros verificados são passíveis de superação. Não se pode simplesmente reprovar o aluno, mas, antes, arranjar uma maneira estratégica ou um planejamento em que se possam trabalhar as dificuldades deste na busca de uma reversão da situação em que ele demonstra ter grandes dificuldades.

A LDB nº 9.3.94/96 ressalta que a avaliação deve privilegiar os aspectos qualitativos sobre os quantitativos. Os qualitativos se referem ao interesse do aluno, à participação deste nas aulas, ao comportamento e disciplina do aluno. Por outro lado, o quantitativo se refere à atribuição de notas sobre trabalhos, textos e provas.

O certo é que o quantitativo é o que mais se ressalta nas escolas. Para fins de aprovação, o qualitativo fica obscuro, eles não aparecem no histórico

escolar. Se observada a LDB, eles seriam considerados como uma dimensão mais ampla, conforme determina o Art. 24 desta lei.

V - A avaliação do rendimento escolar observará os seguintes critérios:

a) Avaliação contínua e acumulativa do desempenho do aluno com prevalência dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos e dos resultados ao longo do período sobre o de eventuais provas finais. (LDB, 1998, p. 14)

Os aspectos qualitativos devem prevalecer sobre o quantitativo. Há de se perceber que, na maioria das vezes, quando se avalia, esquece-se deste dispositivo legal e não se leva a fundo o que determina a Lei nº 9.394/96. Por esta lei, recomenda-se que o quantitativo tão somente não deva justificar a reprovação do aluno por causa das notas insuficientes. É preciso de muitos registros para dizer que um aluno não conseguiu o mínimo para uma aprovação. Por ser a avaliação, de fato, muito complexa, o professor acaba por reduzir todo um processo e, às vezes, até mesmo por falta de informação.

Portanto, ao verificar o rendimento escolar de seus alunos, o professor está medindo e avaliando certos comportamentos que lhe permitem deduzir o que o aluno aprendeu. É interessante destacar que não é possível medir toda a aprendizagem, mas apenas amostras dos resultados alcançados.

O desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem deve, portanto, ser acompanhado de uma avaliação constante. Para Vasconcelos (1995, p. 59),

Não é o simples aumento do número de provas que vai contribuir para melhorar a aprendizagem, se elas visarem apenas a atribuição de notas, não vai melhorar o rendimento do aluno.

O importante é que elas sejam utilizadas tanto pelo aluno quanto pelo professor: o aluno deve ter acesso a sua prova corrigida para saber o que acertou e o que errou; o professor, por sua vez, deve analisar o desempenho de seus alunos para aperfeiçoar seu ensino.

Neste sentido, observa-se que a avaliação não tem um fim em si mesmo, mas é um meio a ser utilizado por alunos e professores para o aperfeiçoamento dos processos de ensino e de aprendizagem.

O professor, junto com a escola, deve estar atento aos avanços e evoluções de cada aluno no 3º ano do Ensino Fundamental, as quais, algumas vezes, parecem lentas e quase insignificantes para o aluno. É gratificante aprender o alfabeto tanto quanto aprender a ler ou interpretar um pequeno texto. Segundo Luckesi (1999, p. 179), “a avaliação tem por base escolher uma situação para, então, ajuizar a sua qualidade, tendo em vista dar-lhe suporte de mudança se necessário”.

De acordo com Luckesi (ibidem), a avaliação deve acolher a situação-problema com qualidade, oferecendo mudanças de descobertas para cada indivíduo, levando-os a criarem fontes de descobertas dos valores culturais que cada um carrega, pois todos os alunos trazem consigo vários conhecimentos do que possa se imaginar e cabe a nós oferecer uma qualidade de ensino prazerosa, com mudanças progressivas de autoestima, nada de “decoreba” ou de memorização.

Por isso, é importante que o professor avalie seu aluno desde o primeiro dia de aula. Cabe ao professor fazer um processo de avaliação para que o aluno não se desmotive e deixe tudo para a última hora. Perrenoud (1999, p. 12) diz que

Avaliação tem a função de intervir, quando se dirige a família de persistir, no duplo sentido de impedir e de advertir. Ela alerta contra o fracasso que se anuncia ou ao contrario, tranquiliza acrescentando “desde que continue assim” quando o jogo está quase pronto, prepara-se os espíritos para o pior, uma decisão de reprovação de não admissão em uma habilidade exigente apenas afirma em geral, os programáticos desfavoráveis são comunicados bem antes do aluno a sua família.

O processo avaliativo está presente em todo o momento, em casa, na família e na escola, Avaliar, pois, o desenvolvimento e a capacidade do aluno é prevenir contra o fracasso que a ele possa vir a experimentar.

Análise dos resultados da pesquisa

Em nosso trabalho de campo, foi preciso um conhecimento detalhado sobre avaliação, seus instrumentos e suas práticas. As informações foram obtidas através de pesquisas e observações diretas e indiretas, questionários e conversas informais com alunos e professores do 3º ano do Ensino Fundamental de uma Escola Municipal de Humaitá.

Nesta Escola, observamos o comprometimento dos educadores e a avaliação no cotidiano escolar com alunos do 3º ano do Ensino Fundamental.

Observamos, também, que os instrumentos avaliativos estavam de acordo com os PCN, assim como constava no PPP daquela Escola. Recebemos dos professores suas impressões sobre a importância e as vantagens de uma avaliação. Durante o tempo da nossa pesquisa, a convivência com outras práticas foi gratificante. Nas conversas informais, observamos as diferenças entre as práticas avaliativas de cada professor.

Alguns professores mostram boa vontade, criatividade, mas têm dúvidas quanto às avaliações; há professores que se esforçam para ver o desempenho e a evolução de seus alunos, mas por falta de apoio e de material didático, não fazem um trabalho melhor.

Após dias de observações, entregamos os questionários para as professoras e os alunos. Explicamos que era uma pesquisa de cujas respostas dependeríamos para a conclusão de nosso trabalho.

Fizemos os registros de algumas observações em sala de aula. Vimos que os professores se preparavam bastante para dar conta de tanta responsabilidade. Vimos, também, que a Escola utiliza a avaliação como meio

de controlar o comportamento dos alunos, na hora do intervalo para a merenda e, às vezes, em sala de aula.

As salas são ventiladas e com muita luz, porém muito pequena. Por isso, fica difícil trabalhar com uma sala com vinte e sete alunos. Nem todos os alunos participavam das aulas, apesar dos professores valorizarem bem a oralidade e compartilharem suas histórias de vida.

Pudemos constatar que há um diálogo muito bom entre professor e alunos. Os alunos se sentem à vontade, vão sempre até a mesa do professor pedir orientação. É visível, também, a preocupação da Direção da Escola com respeito ao processo de aprendizagem dos alunos. Esta demonstra empenho para ver o sucesso dos mesmos.

Para colher os dados necessários para esta pesquisa, preparamos questionários com cinco perguntas destinadas aos alunos, e outro destinado aos professores. Através das respostas obtidas, fizemos uma análise dos dados com o objetivo de saber mais sobre a avaliação, seus instrumentos e práticas, e ao mesmo tempo, como esta contribui com a prática avaliativa da escola.

Entrevistamos três professores do 3º ano do Ensino Fundamental, através de questionários.

Com relação à primeira pergunta “qual o tipo de avaliação utilizada com os alunos?”, 75% dos professores disseram fazer avaliação contínua, mas nas observações feitas detectamos que eles se perdem e acabam somando: 25% assumiram que fazem a avaliação somativa, alegando ser exigida pela escola.

Com relação à segunda pergunta; “como são elaboradas as avaliações dos alunos?”, 75% disseram ser de acordo com a realidade de seus alunos; os outros 25% disseram copiar dos livros ou fazem de acordo com os conteúdos desenvolvidos em sala.

Em relação à terceira pergunta, “se os professores sentiam necessidade de mudar os métodos avaliativos com os alunos?”, 75% dos professores afirmaram sentir a necessidade de mudar, e mudam sempre que precisam ou

usam métodos diferenciados, os outros 25% disseram que não, e confirmaram que os tipos de avaliação estavam de acordo com suas perspectivas.

A quarta pergunta foi “qual a maior dificuldade encontrada pelos professores no processo avaliativo adotado pela escola?” As respostas foram bem diferenciadas: 25% disseram que era a falta de orientação, 25% disseram ser a falta de diálogo, 25% alegaram ter dificuldade em transformar os conhecimentos em notas e os outros 25% apontaram a quantidade de alunos em sala de aula, pois a mesma é superlotada.

A quinta pergunta foi: “os professores recebem ajuda na hora da elaboração das provas?” Das respostas dadas, 100% disseram que sim.

As respostas satisfizeram aos propósitos de nossa pesquisa. De nossa análise, ficou claro que os professores daquela Escola adotam a prática de avaliação classificatória e um pouco de tradicionalismo. Quanto à elaboração das avaliações, a maioria disse fazer de acordo com a realidade dos alunos, que não sentiam a necessidade de mudar suas formas de avaliar, e que as dificuldades encontradas no processo de avaliação recaíam no registro das notas. Quanto às avaliações, estes professores disseram contar com ajuda dos professores de apoio tanto na elaboração quanto na aplicação destas.

Aos alunos, o questionário respondido por estes tinha as seguintes perguntas:

1. Como eles se sentem quando o professor marca a avaliação?

62,5% dos alunos disseram sentir medo ou ficavam mal quando o professor dizia que eles estavam sendo avaliados, e 37,5% disseram se sentir bem.

2. O que você acha desta avaliação que a Escola faz durante o intervalo?

30% acham importantes, mas 70% disseram que gostaria de brincar à vontade sem ser avaliados.

3. Quais as dificuldades encontradas durante as avaliações?

As respostas foram variadas: 37,5% disseram não saber responder; 37,5% declararam não saber escrever direito, 15% não conseguiam ler sozinhos e 10% disseram ter muitas dúvidas.

4. A professora ajuda durante as avaliações?

100% dos alunos responderam que sim, embora com palavras diferentes.

5. Nas avaliações, os exercícios são parecidos com os ensinados pela professora?

Todos confirmaram com apenas um sim.

A espontaneidade estava presente em todos os entrevistados. Eles se sentiram valorizados em fazerem parte da nossa pesquisa, como também demonstraram grande interesse pelo tema em estudo. Os únicos descontentamentos que registramos por parte dos alunos diziam respeito ao espaço da escola, do excesso de alunos e a falta de um pátio grande ou uma quadra esportiva em que eles pudessem fazer Educação Física e ter uma recreação mais à vontade.

Assim, percebemos que a avaliação é uma organização didática que deve ser utilizada como uma integração de divulgação e informação escolar para que, juntos, possamos abrir novos caminhos de conhecimento para a realização de uma qualidade de ensino melhor.

Referências

BRASIL. **LDB nº 9.394/96.** (Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional), Brasília: 1998.

DEPRESBITERIS, Léa & Tavares, Marialva Rossi: **Diversificar é preciso:** Instrumento e Técnicas de Avaliação de Aprendizagem, São Paulo: SENAC, 2009.



HOFFMANN, Jussara. M. L. **Avaliação: mito & desafio** - uma perspectiva construtivista. Porto Alegre: Mediação, 1991.

_____. **Avaliação Mediadora.**, 22 ed. Porto Alegre: Mediação, 2004.

LUCKESI, Cipriano Carlos, **Avaliação da Aprendizagem** 9 ed. São Paulo: Cortez, 1999.

PERRENOUD, Philippe. **Avaliação das excelências:** a Regulação das Aprendizagens entre duas lógicas. Porto Alegre: ARTMED. 1999.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Avaliação da Aprendizagem: Práticas de mudanças**, 7 ed. São Paulo: 1995.

Recebido em 3/1/2010. Aceito em 13/2/2010.